

FREUD, O ARTISTA, NOS TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE*

Quando Freud escreve o manuscrito que se tornará os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, redige, em outra frente de trabalho, o manuscrito *Os chistes e sua relação com o inconsciente*.

Sem dúvida, passa de um a outro. O leitor pode se surpreender ao saber disso, já que não há nada de evidente que ligue as duas obras.

Na ocasião do primeiro centenário de publicação de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud que nos reúne no México, graças ao convite da Red Analítica Lacaniana, tentarei transmitir aos senhores que Freud, nessas obras, levado pela mesma questão que põe em continuidade simbólica de modo inesperado *Os chistes e sua relação com o inconsciente* e os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

No desenvolvimento da terceira parte sobre “a transformação da puberdade”, Freud retoma a importância do surgimento da “angústia infantil” na “descoberta do objeto”.

Ele explica que o investimento libidinal não pode encontrar satisfação na ausência da pessoa amada. Por isso, “as crianças cuja pulsão sexual é precoce ou se torna excessiva e exigente” comportam-se já como adultos: “a libido se transforma em angústia a partir do momento em que ela não encontra satisfação.”

Partamos desta evidência porquanto uma nota¹ que explica como “para se desfazer de suas angústias, pela transformação da libido, a criança recorrerá a medidas as mais pueris.”

Portanto, o que será que a criança pode ensinar ao adulto que ele teria esquecido porque era criança?

Para render homenagem ao gênio de Freud como inventor da psicanálise e ao que transmitiu para além de seu dizer, nos reteremos um pouco em seu relato sobre um menino de três anos, imerso na obscuridade, que suplicava sua tia que lhe falasse para tirá-lo da angústia que o tomava.

“Tante, sprich mit mir, ich fürchte mich, weil es so dunkel ist.

“Tia, fale comigo, tenho medo de mim porque, assim, está escuro”.

E sua tia lança o dardo:

“Was hast – du denn davon? Du siehest mich ja nicht”.

Para que será que você quer fazer isso, afinal? Você não está me vendo.

“Das macht nichts, antwortete das kind, wenn jemand spricht, wird es hell”.

Não tem importância, a criança responde, desde que alguém fale, tudo se torna radioso.

A tia não compreende como o fato de falar pode tirar da angústia já que o desaparecimento do visível, evidente causa da angústia, estará sempre presente.

¹ S. Freud. *Gesammelte Werke* V, p. 126.

Um mal-entendido surgiu entre os dois interlocutores. Mas o que será toca “toca²” Freud a ponto de ter de dizê-lo ao leitor por meio dessa nota? Será que esse adendo que lhe vem no só-depois é o traço de um passo na direção de outra frente em que se elabora o volume *Os chistes e sua relação com o inconsciente*?

Presumimos que Freud entendeu a tensão do grito do coração deste menino de três anos, além do que ele diz, e que a angústia que afeta este homenzinho é fecunda a ponto de tocá-lo e de impeli-lo a se fazer entender pelo bom entendedor.

Como este futuro recém-nascido que ouve na voz materna a tensão do conflito entre o som e o sentido que vai marcá-lo para sempre, estamos em companhia de Freud na ópera e podemos ouvir na voz desta criança tanto o ilimitado da significância como os limites da significação.

Portanto, deixemos a tia à luz de suas luminárias e sigamos o que traz a voz deste ser falante. Aproximemo-nos, além do dizer da língua alemã, ao dizer que se faz ouvir e que Freud nos transmite como passador sem que saiba disso. Ainda que seja impossível de dizer com as palavras, arrisquemos este comentário:

“Minha querida tia, não que eu não saiba que, quando a luz cobre-se de trevas, o desaparecimento do mundo visível e do audível onde encontro o antro espaço-temporal bem conhecido desde que os descobri na época do estádio do espelho faz aparecer uma parte desconhecida de mim que me apavora. Então, eu te suplico, fale comigo”.

E a tia, bem instalada em suas certezas, manifestando sua surdez egóica e superegóica a tudo que não seja evidente:

“Do que é que você está falando? Não me faça isso! Quando você não me vê, sua palavra e minha palavra não têm nenhum valor. E você não está cansado de saber que o visto e o ouvido estão juntos e que a ausência do visto tira do que é ouvido todo o efeito? Se você não sabe, eu ensino você. Tenho dito.”

Entretanto, a criança não se deixa paralisar por esse mandamento. Ela insiste, levada pelo movimento pulsional no qual confia:

“Mas, minha tia, não há nada para ver e ouvir, menos ainda para compreender. É mágico: no exato momento em que alguém toma a palavra, a centelha do espírito me habita.”

A luz do chiste é passada de uma frente de trabalho a outra. O circuito pulsional produziu o significante, *wird es hell* [“se luz chegar”], como puro significante.

É inacreditável... Um outro mundo surge, aquele do ilimitado que Lacan chama “A coisa humana”, baseando-se no que Freud encontra pela via de *das Ding*. Um novo tempo é criado, o do surgimento da pura significância como efeito da divisão ouvida pelo bom entendedor – que é Freud, sem que o saiba – na voz humana.

² Não se trata de pensar, mas de uma percepção que podemos chamar inconsciente.

E soa no espírito do chiste. E se abre a porta do jamais visto e do jamais ouvido que os artistas não cessam de transmitir, sejam músicos, dançarinos, pintores, escultores, entre outros. E ressoa o semi-dizer na voz de Lacan, dia 24 de junho de 1964, na última sessão de seu seminário sobre “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, quando supõe que o fim da análise conduz além da fantasia, “a viver a pulsão”.

Essa linha nos faz trabalhar no movimento **Insistance** a partir da pulsão invocante que Lacan nomeia, em março de 1964, como “a experiência mais próxima do inconsciente”.

Ele se baseia no fato de que a transferência é um lugar de insistência onde o real, que se emancipou do simbólico e do imaginário com o qual estava nodulado para definir uma significação, faz nascer este tempo ininteligível, incompreensível e enigmático que é a sideração do pensamento.

Então, e somente no só-depois desse tempo de luto do pensamento, o real do apelo ao Outro, inaudito por não se fazer ouvir com as orelhas, pode ser recebido por uma presença subitamente invocada.

Se o discurso psicanalítico é um discurso “de exceção”, sem dúvida é porque é, como experiência de discurso, o único que pressupõe a passagem do receptor invocado pelo apelo do Outro ao emissor de palavra que invoca a Alteridade: *es wird hell*.

“Wo es war, soll ich werden”

Lá onde estava a luz coberta de trevas, o clarão da luz como puro significante tem de vir à existência.

Jean Charmoille
Paris, 23 de fevereiro de 2005

* Comunicação no Colóquio organizado pela Red Analítica Lacaniana no âmbito das atividades de Convergencia nos dias 18, 19 e 20 de fevereiro de 2005.